

Ceilândia, nova geração

OTOMAR LOPES CARDOSO

Bruxelas — O espaço urbano de Ceilândia foi planejado especialmente para receber 120 mil favelados da antiga invasão do IAPI, nos idos do começo da década de 70. Doze anos depois, conta com uma população estimada entre 360 mil a 400 mil habitantes.

O crescimento bruto populacional de Ceilândia apresenta uma característica acima da média brasileira, com uma taxa de 6,2 por cento ao ano. O pico foi constatado a partir de 1981.

O crescimento pela frequência de nascimento ocupa idêntica posição das cidades-satélites do quadrilátero do Distrito Federal.

A grande diferença verifica-se no fato da canalização das correntes migratórias, que encontrou em Ceilândia o local provisório de acolhida dos migrantes, sem maiores recursos. Geralmente uma mão-de-obra despreparada, proveniente das regiões mais atrasadas do país. A prioridade no afluxo a Ceilândia, como opção inicial de se instalar, fez explodir a média do crescimento da cidade.

A mobilidade demográfica explica o alto índice do aumento populacional e todas as suas consequências.

A taxa elevada de crescimento, principalmente numa cidade nova, em processo de instalação, agrava os ônus negativos. Constitui problema de difícil trato para a administração pública, por mais eficientes que sejam as dinâmicas das providências.

As cidades nascem, crescem e se desenvolvem como todos os seres. Enfim, é constituída de homens. Uma passagem brusca de 120 mil habitantes para três vezes mais, num curto espaço de tempo de uma dúzia de anos, cria a dificuldade em programar os equipamentos comunitários básicos, como o serviço de abastecimento de água, as atenções à saúde, policiamento, transporte coletivo etc. Caracteriza a luta desigual comum pela qual passam atualmente as administrações das grandes cidades brasileiras que, sem previsões demográficas confiáveis, formulam julgamentos errôneos, que atingem sobretudo os bairros periféricos.

Em Ceilândia, a administração local se empenha arduamente para uma melhor distribuição ou instalação do sistema de água, a mais elementar providência do serviço público.

As necessidades crescem sempre mais rápidas do que os meios de satisfazê-las.

Hoje constata-se na população de Ceilândia o natural envelhecimento dos seus habitantes iniciais, provenientes do "IAPI". Doze anos após, os chefes de família estão com o começo do peso da idade, na dura sobrevivência do dia-a-dia. Também estão mais enraizados na nova terra muitos deles, com suas casas construídas, com o suor do seu rosto. Proximamente, estarão alguns tratando dos direitos sociais da aposentadoria. Surge também, na vida ativa, a nova geração, à procura de oportunidade de trabalho.

DF. Ceilândia

7 19 JUN 1983

1983 JUN 19